

190

Terras indígenas

A questão das terras indígenas a serem demarcadas, a fim de se tornarem, legalmente, *reservas*, arrasta-se sem pressa por parte das autoridades competentes, provocando esta demora uma série de conflitos que surgem, praticamente, a cada semana, nos noticiários da imprensa.

Em todos os estados brasileiros, comunidades indígenas remanescentes das antigas tribos que habitavam o Brasil antes da chegada dos colonizadores conseguiram, a duras penas, manter-se, preservando seus costumes, por vezes, a língua dos seus antepassados, bem como a consciência de ser *índios*, diferentes, portanto, de outros brasileiros.

A integração dessas comunidades à cultura nacional dominante somente pode ser desejada. Jamais imposta, respeitados que sejam os direitos desses povos de ser como bem queiram. Onde a necessidade de protegê-las em sua integridade física e cultural, frente ao assédio de culturas mais bem estruturadas, cercando-as por todos os lados.

X X
X X

Avançamos muito no trato do problema. Desde a atuação verdadeiramente épica do marechal Rondon até os nossos dias, os indígenas brasileiros vêm tendo significativos ganhos, assegurados por sucessivos governos brasileiros, quando entram em confronto com os chamados, talvez impropriamente, "civilizados".

Os conflitos, por vezes armados, envolvendo os dois grupos em disputa, quase sempre, de terras, assumem, infelizmente, ares de tragédia. Possesores em busca de um pedaço de chão, em que possam plantar e dele tirar o seu sustento, avançam, quase em desespero, sobre terras que acreditam "vazias".

No espaço sem conta dos sertões brasileiros, há, de fato, um mundão de terras com aparência de abandonadas, sem qualquer sinal da presença do homem. Parte das "reservas indígenas" assume, também, tal aspecto. Os métodos agrícolas seguidos pelos indígenas não são os mesmos utilizados pelos "civilizados". E o que parece estar "vazio", está, de fato, ocupado. Como, porém, a luta pela sobrevivência não permite vacilo, considera-se o risco da "invasão" razoável.

O drama dos sem-terras no Brasil é tão trágico quanto o das comunidades indígenas. São ambos marginalizados no processo que estrutura e dinamiza a economia do País. Infelizmente, costuma-se dissociar da questão indígena a da reforma agrária, quando elas deverão ser tratadas como elementos de um mesmo problema, a fim de evitar que índios e sem-terras se enfrentem como inimigos, sendo, em verdade, vítimas, no quadro geral do sistema de propriedade rural no País.

X X
X X

No sertão baiano, a 300km de Salvador, no distrito de Banzaê, em Mirandela, os kiriris conseguiram manter-se desde os tempos dos Ávilas até os dias atuais. A Funai já demarcou as terras que lhes cabem. A fixação dos seus limites desagradou os "civilizados", que consideram terem agido os técnicos daquele órgão beneficiando, em excesso, os indígenas.

O assassinato do índio Adão, na noite do último sábado, emboscado em sua roça por três posseiros, poderá representar um estopim aceso nas imediações de um paiol de pólvora, na região. Ali o clima é de quase confronto. Conflitos menores já duram mais de um mês. A insatisfação, contudo, dos envolvidos vem desde 1990, faz quase cinco anos, desde quando foi a Justiça solicitada a dar solução legal à questão demarcatória. Sua morosidade, no entanto, compromete seu papel.

Quando as demandas jurídicas se eternizam, o Direito é, sem dúvida, ameaçado, e a descrença naqueles capazes de exercer a Justiça cresce e os desmoraliza. Se houve uma morte, agora, em Mirandela, outras poderão ocorrer. E, por certo, deverão ser considerados autores e cúmplices nessas ocorrências não somente os nelas envolvidos diretamente mas também os que concorreram, por sua lerteza ou inépcia, para que sucedessem.

X X
X X

Os kiriris pintaram seus rostos para a guerra. Lançaram mais de 20 flechas contra os moradores de Mirandela. Os posseiros e habitantes do povoado, os "civilizados", empunham suas espingardas de caça, dispostos a enfrentá-los. Tudo isso se passa no ano de Cristo de 1995. Não em séculos passados. Parece inacreditável. Mas já houve morte. É, então, verdade. Uma verdade dramática.

A disputa de terras no município de Banzaê, distrito de Mirandela, é, afinal, uma briga de miseráveis. De um lado, um grupo de índios que já perdeu a maioria dos elementos significativos de sua cultura. Do outro, pequenos proprietários de terras de 10 a 30 tarefas, sendo que algumas dessas terras foram vendidas pelos índios a eles. Uma terceira vertente é a política de algumas instituições públicas e privadas que não têm recursos para realizar desapropriações justas, mas realizam um trabalho digno de registro, ao tentarem resgatar a cultura dos kiriris. De qualquer modo, é preciso cuidado para não lançá-los a uma aventura guerreira que acabe em tragédia para os dois lados litigantes.